

DIFERENCIAÇÃO SOCIOESPACIAL E PRÁTICAS ESPACIAIS DA JUVENTUDE NA PERIFERIA DE CHAPECÓ/SC¹

SHARA BRUNETTO ^{2,3*}

1 INTRODUÇÃO

As transformações urbanas ocorridas em Chapecó nos últimos anos estão diretamente relacionadas a um processo de reestruturação urbana atendendo ao modo de produção capitalista e à lógica de consumo da sociedade urbana. Esse processo afeta diretamente a relação centro-periferia e a vida cotidiana dos cidadãos, em particular dos jovens, cujas práticas espaciais são condicionadas pela morfologia da cidade. A seguir apresentamos primeiramente os objetivos, em seguida a metodologia, posteriormente analisamos os primeiros resultados e, para finalizar, apresentamos as conclusões.

2 OBJETIVOS

Os objetivos desta pesquisa são analisar os impactos da fragmentação socioespacial na vida cotidiana dos jovens a partir do contexto de reestruturação urbana, pelo qual Chapecó vem passando nos últimos anos; entender como essas transformações têm impactado na sociabilidade dos jovens da periferia de Chapecó; e identificar as práticas espaciais desenvolvidas pelos jovens assim como os usos dos espaços constituídos por eles.

3 METODOLOGIA

Na primeira etapa da pesquisa, buscou-se realizar um levantamento e um diálogo com a bibliografia referente aos processos de reestruturação urbana, fragmentação e diferenciação socioespacial assim como sobre as práticas dos jovens e suas relações de sociabilidade.

Na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas on-line com sete jovens, com idades que variam de 18 anos até 27 anos, de distintos bairros da periferia de

1 Pesquisa de iniciação científica desenvolvida sob orientação do Prof. Dr. Igor Catalão, vinculada ao projeto de pesquisa “Reestruturação urbana e diferenciação socioespacial em cidades latino-americanas”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2 Graduada em Geografia-Licenciatura, Universidade Federal da Fronteira sul, *Campus Chapecó*, contato: shara_brunetto@hotmail.com

3 Grupo de pesquisa: Núcleo de estudos e pesquisas sobre região, urbanização e desenvolvimento (nerud).

Chapecó, quais sejam: Efapi, Belvedere, Seminário e Pinheirinho. Foram entrevistados quatro homens e três mulheres. Os primeiros contatos foram realizados por meio das redes de contatos da bolsista e do orientador, na expectativa de haver uma relação de confiança, logo, mais retornos positivos. Foram realizadas conversas com 23 possíveis entrevistados e mais 10 pessoas que fazem parte da nossa rede de contatos que indicaram outras pessoas. Desses 23, 8 não tinham idade compatível com a pesquisa e 7 haviam se disponibilizado, embora, posteriormente, não tenham respondido às tentativas de contato. As entrevistas foram gravadas e transcritas. É importante destacar que a pesquisa é qualitativa, ou seja, a preocupação é com o conteúdo das respostas e não com a amostra de respondentes. No entanto, a pesquisa estava baseada em outros procedimentos que não puderam ser realizados em função dos diversos impactos da pandemia de Covid-19. O primeiro impacto foi na proposta de acompanhar os percursos estabelecidos pelos jovens que, em função do isolamento social, não foi possível realizar. O procedimento foi então remodelado para a utilização de aplicativos que pudessem registrar os percursos dos cidadãos e transmiti-los para os pesquisadores. Para tanto, foram testados os aplicativos Strava, Google Maps e GPS Essentials, porém o colapso no sistema de saúde de Santa Catarina no início de 2021, tudo em consequência do agravamento da pandemia, tornou a situação de restrição mais severa, o que comprometeria a qualidade das informações sobre percursos e práticas dos cidadãos.

Na terceira etapa, apenas utilizando informações das entrevistas, a pesquisa consistiu na elaboração de croquis dos deslocamentos assim como as análises dos conteúdos das entrevistas e a produção do texto final.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa construção de um modo de vida urbano, o direito à cidade é apropriado de diversas maneiras e por diferentes segmentos da sociedade, mas nesta proposta de pesquisa será abordado através do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (2016), que entende o direito à cidade como a síntese dos direitos às condições de vida, à educação, à saúde, ao descanso, à habitação, ao trabalho, à cultura, ao lazer; enfim, direitos que não se limitam à própria cidade, mas ultrapassam-na. Como afirma Harvey (2014), o direito à cidade refere-se muito mais a um direito coletivo que propriamente individual, e que está diretamente relacionado com o tipo de pessoas que queremos ser e quais relações sociais buscamos ou, em outras palavras, qual é a sociedade que buscamos construir.

Nessa perspectiva, destaca-se que os espaços são diferenciados econômica e socialmente, tornando-se produto de uma urbanização desigual, proporcionada pela nítida diferença entre padrões sociais e econômicos impostos por essa sociedade que, utilizando-se de seu poder econômico para definir os espaços sociais de acordo com seus interesses, estabelecem perante toda a sociedade os seus valores, a sua cultura e seus padrões sociais. Em contraponto a essas desigualdades, o direito à cidade aqui proposto é, de certa forma, a reivindicação de que todas as pessoas que ajudaram a construir a cidade possam usufruir dos benefícios que nela existem. “O direito à cidade é, e não poderia deixar de ser, um direito revolucionário, ou seja, uma proposta a ser perseguida como ideal utópico para a construção de uma sociedade diferente e necessariamente melhor que esta da qual fazemos parte” (CATALÃO, MAGRINI, 2017, p. 126).

O processo de urbanização de Chapecó passou por diferentes períodos e se intensificou nas décadas de 1970 e 1980, que foi quando a população urbana ultrapassou a população rural (ALBA et al, 2015). Porém a partir de 2010, pode-se notar em Chapecó novos aspectos da reestruturação urbana ligados a outros elementos que desenvolvem novas formas de produção e consumo do espaço, constituindo novas centralidades na cidade.

De acordo com o sociólogo Groppo (2016), as teorias tradicionais evidenciam a juventude como grupo etário bem definido, como transição para a vida adulta e que sua socialização se dá por meio da ação das gerações mais velhas, porém, nesta proposta de pesquisa, iremos nos apoiar nas teorias pós-críticas de juventude, que romperam com as concepções tradicionais. Destacando-se como sujeito social e pelos seus diferentes modos de se viver, a juventude leva em consideração a classe social, o gênero e outros. Como bem apontado por Castro (2016), há o reconhecimento da juventude como sujeitos de direitos.

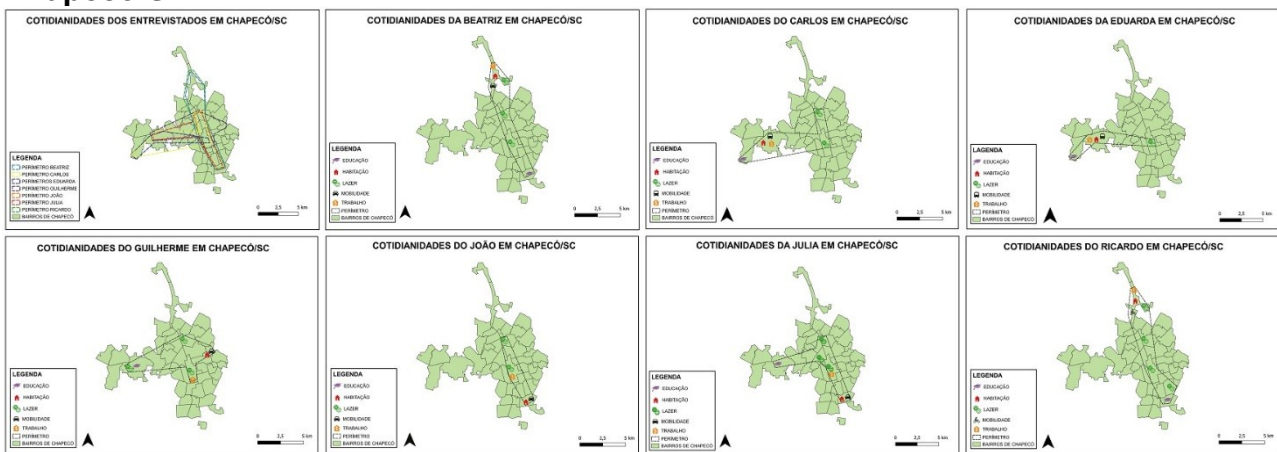
Os jovens em evidência, os jovens da periferia, enquanto sujeitos sociais e de direitos, anseiam pela transformação, pela aceitação, por essa integração à sociedade contemporânea, em que desempenham papel fundamental no momento em falam sobre sociabilidade, consumo e práticas espaciais, visto que vivenciam esse momento de forma intensa. De acordo com Souza (2020, p. 28):

[...] Além do mais, uma cidade não é apenas um local em que se produzem bens e onde eles são comercializados e consumidos, e onde pessoas trabalham; uma cidade é um local onde as pessoas se organizam e interagem com base em interesses e valores os mais diversos, formando grupos de afinidade e de interesses, menos ou mais bem definidos territorialmente com base na

identificação entre certos recursos cobiçados e os espaços, ou na base de identidades, territoriais que os indivíduos buscam manter e preservar.

Percepção preliminar dos jovens entrevistados é a sua relação de lazer e sociabilidade realizada principalmente no centro da cidade. Conforme a Figura 1, todos os entrevistados realizam algum tipo de lazer nesses espaços centrais. Já em relação ao shopping, apesar de todos quando questionados relataram ir a esse espaço, não houve relatos sobre uma frequência importante, exceto ocasionalmente para atividades muito específicas, porém não com a mesma frequência e importância que o centro da cidade.

FIGURA 1 – Croquis das Cotidianidades dos entrevistados na cidade de Chapecó/SC



Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Quando questionados sobre o que é ser jovem, para os entrevistados, ser jovem consiste em uma fase de transição, de assumir responsabilidades, trabalhar e estudar, mas, ao mesmo tempo, é um momento de se divertir e aproveitar a juventude. Já sobre ser jovem na periferia, uma percepção geral é de forma positiva, de sociabilidade com os vizinhos, de harmonização com o bairro. Outra constatação diz respeito aos jovens moradores do bairro Efapi, que relataram a dificuldade no transporte e do trânsito, bem como a distância do centro da cidade, além da dependência da utilização do transporte público para locomoção, enquanto os outros não mencionaram nem o trânsito, nem a dificuldade do transporte, já que possuem veículos próprios como podemos ver na Figura

5 CONCLUSÃO

A juventude, em sua essência, tem por característica a busca pela transformação, pelo novo e, na dinâmica social da dominação capitalista, os jovens da periferia, acabam

sendo atraídos pela cultura do consumo, do pertencimento, buscando se integrar na sociedade, muitas vezes sem perceber seu envolvimento com os interesses econômicos da burguesia.

As relações estabelecidas pelos jovens da periferia de Chapecó evidenciam ainda uma predominância com a parte central da cidade, visto que mesmo Chapecó tendo um crescimento expressivo nos últimos anos, o papel desenvolvido pela área central da cidade é ainda predominante nas relações de consumo, sociabilidade, estando muito presente nas práticas espaciais cotidianas. Esse relacionamento abrange uma busca por visibilidade e acesso aos atrativos da urbanização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBA, Rosa Salete; MAIA, Claudio Machado; SANTOS, João Pablo; OTSUSCHI, Cristina; VILLELA, Ana Laura Vianna. Dinâmica populacional no oeste catarinense: indicadores de crescimento populacional dos maiores municípios. In: BRANDT, Marlon; NASCIMENTO, Ederson (Org). **Oeste de Santa Catarina: território, ambiente e paisagem**. São Carlos: Pedro & João, 2015. 242 p.

CASTRO, Elisa Guaraná de. Juventude rural, do campo, das águas e das florestas: a primeira geração de jovens dos movimentos sociais no Brasil e sua incidência nas políticas públicas de juventude. **Política & Trabalho**, n.45, p.193-212, jul/dez, 2016.

CATALÃO, Igor de França; MAGRINI, Maria Angélica. Insurgência, espaço público e direito à cidade. **Revista da Anpege**, v.13, n. 22, p. 119-135, set/dez. 2017.

GROPPO, Luís Antonio. Sentidos de juventude na sociologia e nas políticas públicas do Brasil contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 20, n. 1, p. 383-402, jan/jun. 2016.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução Jeferson Camargo. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Itapevi, Nebli, 2016.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Abc do desenvolvimento urbano**. 11 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2020, 192 p

Palavras-chave: Juventude, Diferenciação socioespacial, Periferia.

Nº de Registro no sistema Prisma: PES 2019-0521.

Financiamento: Bolsista CNPq.